

01-04-1979

PADRE ANTÔNIO SCOLARO

* Montanara — Itália: 26-08-1935

44 anos

† Jauareté: 01-04-1979

O Pe. Antônio Scolaro nasceu no dia 26 de agosto de 1935 na cidade de Montanara, província de Pádua (Itália). Era o sexto filho de uma numerosa família de onze irmãos. Foi no ambiente familiar, todo permeado do espírito de bondade e dedicação, que desabrochou a vocação sacerdotal e missionária do menino Antônio, o qual foi encaminhado para os estudos de letras e filosofia no Colégio Salesiano de Este, a que se seguiu o noviciado e a profissão religiosa em Abbaré, no ano de 1952. Concluídos os estudos teológicos em Monteortone, foi ordenado sacerdote no ano de 1962 e veio para o Brasil, mais precisamente para as missões do Rio Negro.

Desde aquele tempo passou quase toda a vida missionária com os índios, salvo um breve período em Manaus, dedicando-se de maneira particular ao estudo das línguas indígenas (Nhengatu e Tucano), à tradução de textos, à composição de melodias e cantos, a programas de desenvolvimento de comunidades indígenas, à formação de agentes de pastoral, visitando continuamente os povoados e os sítios, semeados ao longo das margens dos rios.

"Pe. Antônio foi realmente um verdadeiro mensageiro enviado por Deus e apropriado para os povos aborígenes do alto Rio Negro. Trabalhou em vários lugares: iniciou sua atividade missionária no Içana. Passou depois vários anos em Pari Cachoeira, no rio Tiquié. Em qualquer missão ele transformava o povo em mais hospitaleiro e mais religioso. Com a sua presença, as missões tiveram grande progresso material e espiritual."

Por um ano esteve na escola industrial de Manaus, cuidando dos clérigos de filosofia. Em Jauareté aprendeu bastante bem a língua tucana da qual se servia nas suas pregações. Organizou cursos para ministros da eucaristia nos lugares mais afastados, sendo os ministros os próprios indígenas. Fomentou a agricultura e a pecuária, organizando

diversos cursos para os tuchauas. Deu boa organização e orientação aos professores das escolinhas do interior com reuniões periódicas. Viajava periodicamente para dirigir o andamento dos povoados. Foi numa destas viagens pelo rio Uaupés que aconteceu o naufrágio no qual perdeu a preciosa existência.

Em 1975 assumiu a direção da missão de Jauareté. Nunca parava de trabalhar. Às vezes chegava ao ponto de esquecer de comer, tão ocupado andava em suas atividades. Quando o trabalho era muito, passava noites em claro, procurando soluções para as dificuldades que se apresentavam nesse despertar para os novos rumos da evangelização. No entanto, falava amiúde de santidade: o que transparecia da simplicidade dos seus gestos e que atraía as pessoas, como acontece quando o pastor conhece as suas ovelhas e zela pela sorte do seu rebanho.

Por isso ele era tão querido em Jauareté.

Quantas vezes ouviam-se de terceiros expressões de admiração pelo Pe. Antônio, ressaltando a sua afabilidade, a sua simplicidade e candura, a sua perene serenidade e tranquilidade, fruto de sua total confiança em Deus, principalmente aquela disponibilidade em servir os irmãos que fazia dizer: "Este é padre, padre mesmo pra valer!" O segredo de tudo isso, bem se via, estava na sua íntima comunhão com Deus, na oração, nos longos tempos de recolhimento diante do tabernáculo à noitinha, com o inseparável terço na mão.

Sua morte, antes de tudo, há de ser encarada como uma lição, um forte exemplo e um momento privilegiado de graça de Deus que se dignou visitar-nos desta maneira: pois encontramos um escrito do querido extinto que dizia: "Nas missas Ele me pede que me doe com Ele ao Pai, que seja vítima com Ele pelos pecadores. Eu lhe digo: Sim. Estou pronto a tudo sofrer com Ele para o bem das almas..."

(De lá, do céu, onde esperamos esteja no gozo do servo bom e fiel, interceda o caro Pe. Antônio, para que saibamos nós também dizer "sim" ao Senhor Cristo Jesus.)

"PROCURA A SEXTA-FEIRA SANTA, PARA DEPOIS ENCONTRAR A PÁSCOA". Com estas palavras o Pe. ANTÔNIO SCOLARO encerrava uma das últimas cartas por ele escritas, enquanto no seu afã apostólico percorria as longas

distâncias que separam as comunidades indígenas do alto Rio Negro, Rio Uaupés-Amazonas.

Essas palavras não eram retóricas e, sim, a expressão de uma atitude de vida por ele assumida conscientemente, como aquele que quer realizar seu ideal em plenitude.

Só à luz desta vivência é que explica o fato ocorrido na tarde do domingo, 1.º de abril, quando ele estava realizando um programa de celebrações pascais entre as populações mais distantes do centro missionário de Jauareté. Eram 17,30 hs. Como já estava para escurecer e não havia onde parar a embarcação na qual o Pe. Antônio se encontrava, teve que desafiar a cachoeira do Tapira-Giral. Até à metade da subida, tudo correu normal, mas daí em diante o motor de popa não conseguiu mais vencer a força da água até que a um certo momento uma onda maior cobriu a proa do barco, desgovernando-o, e, como consequência, virando tudo e todos para o rebojo da cachoeira. Pode-se imaginar como tudo aquilo foi arrastado violentamente rio abaixo.

O Pe. Antônio teve tempo ainda de gritar pelo perigo iminente, e logo mergulhou. Emergiu pouco depois agarrado na lona do bote, enquanto os outros três acompanhantes (o prático da embarcação, um marinheiro e uma enfermeira) a muito custo conseguiram escapar do vórtice das águas, na esperança de que o mesmo acontecesse também ao padre, mas em vão.

Iniciaram-se então as buscas.

Avisados, os salesianos de Jauareté, o Pe. Inspetor, a comunidade, enviaram esforços para o resgate do corpo. Por dias seguidos, mesmo valendo-se da prestimosa SALVA-AÉREO da FAB, as atenções da população toda de Jauareté voltaram-se para o local do naufrágio em dolorosa expectativa.

Finalmente, ao cabo de nove dias, depois de muitas orações, de muita angústia, de muito sofrimento, é que o corpo do Pe. Antônio boiou, bem no remanso, perto da cachoeira em que ele perecera.